

RESENHAS

PSICOLOGIA INFANTIL: A INDEPENDÊNCIA DA CRIANÇA PRÉ-ESCOLAR

Maria Alice C. Rodrigues
Edicon - São Paulo, 1986.

Nossas escolas ainda se compõem e planejam seus currículos como se as crianças - principalmente as muito pequenas - constituíssem uma massa homogeneamente "indisciplinar", que se precisa domesticar, impondo-lhe um padrão único de comportamento com horários e ritmos de atividades generalizados. Isto se torna especialmente inadequado em relação à pré-escola, onde crianças muito pequenas, são submetidas a certa violência, que Bourdieu chamaria simbólica, (mas que nem sempre é tão simbólica), e que se expressa de modo verbal, psicológico e até físico, e através da qual são desrespeitadas suas individualidades.

Neste sentido, o livro da professora M. Alice Rodrigues é muito oportuno, porque aguça nossa percepção para a riqueza, a complexidade e a variação do comportamento infantil, nas diferentes situações a que estão expostas as crianças na pré-escola.

Não é muito freqüente que os estudiosos do comportamento humano pensem a criança (ou qualquer outro "objeto" de suas pesquisas) como sujeito, isto é, alguém que se coloca subjetivamente nas situações e procura salvaguardar sua integridade através de atitudes que têm a ver com suas peculiaridades e que podem ser detectadas como manifestações de independência. Vista da ótica do professor, a criança é em geral classificada de modo dicotômico (inteligente x não inteligente, obediente x desobediente, motivada x desmotivada, etc.).

A observação naturalística - que a autora realizou a partir de situações específicas, em duas diferentes pré-escolas do interior do Estado de São Paulo -, tornou possível a apreensão de nuances muito sutis do comportamento infantil, que vão muito além de tais empobrecedoras dicotomias. Graças, principalmente, à sensibilidade da investigadora, tais nuances, captadas a partir de um rigoroso sistema de registros, realizados em condições normais de funcionamento da pré-escola, permitem ao leitor sentir as diferentes características do comportamento infantil, como sujeito atuante na relação com o adulto. Observando e regis-

trando minuciosamente certos detalhes do comportamento infantil frente às imposições dos adultos, a pesquisadora mostra, com clareza, como a criança toma um sem número de atitudes que lhe permitem estruturar, ela própria, se não totalmente, pelo menos em parte, a situação em que se vê inserida.

O livro agora publicado é o resumo da tese de doutoramento da autora, defendida em 1981. Para os especialistas em Psicologia Infantil, estão expostas nele, claramente, as fontes de inspiração da sua metodologia, bem como detalhes acadêmicos sobre pesquisas que gravitam na mesma direção.

Mas não é leitura só para especialistas. Diferentes estudiosos e pessoas interessadas nos problemas educacionais poderão extrair dela diferentes sugestões. A observação da interação da criança com seu ambiente físico e social é relatada pela autora, mostrando também como diferentes variáveis podem e devem ser pesquisadas, para que se possa perceber o papel de cada tipo de variável, identificando-a, classificando-a e descrevendo-a de maneira concreta. A partir daí é possível perceber quais são as variáveis da criança, quais são as variáveis da situação, os momentos em que ambos os tipos de variáveis cooperam, e por outro lado, os momentos em que se opõem.

Para os leigos, que não estejam interessados na metodologia da pesquisa, emerge da leitura, deliciosas descrições concretas do comportamento infantil, que permitem perceber como a criança constrói e estrutura seu comportamento como "ser agitado e irrequieto, criativo e independente, pela sua insistência em fazer o que parece ser o que mais deseja". Nesse sentido, uma das mais importantes contribuições da autora é mostrar como a criança reage contra o que o meio lhe impõe, não por intenção de se lhe opor (ser "desobediente", como quer o senso comum), e sim como uma necessidade (própria da sua natureza), de se expressar de outra maneira. É nesse sentido que a criança acaba, muitas vezes, transformando a situação de acordo com suas necessidades.

Através do registro cuidadoso (em intervalos de tempo) das principais atividades realizadas pela criança na pré-escola (escrever, pintar, recortar, colar, etc.) a autora consegue estabelecer o peso das variáveis referentes às necessidades específicas da criança na determinação dos resultados da situação escolar. Grá-

ficos cuidadosamente construídos permitem, mesmo a um leigo, observar concretamente alternâncias de comportamento ditos conformistas com os surtos de independência, bem como diferentes crianças, o que nos permite pensar nos aspectos biopsíquicos de cada criança, que nossa escola realmente não leva em conta.

O estudo descreve ainda, em diferentes momentos da situação escolar, a competição que ocorre entre atividades impostas pela professora e outras exigências da situação a que está exposta a criança, como por exemplo, a solicitação para brincar que lhe vem das outras crianças, mostrando também como há diferentes ritmos de alternância de comportamentos específicos, para a mesma criança em diferentes atividades. E mais: analisa ainda diferenças que derivam da interação com diferentes tipos de professoras (mais autocrática, menos autocrática).

Enfim, um estudo que revela a riqueza e a complexidade das interações possíveis numa sala de aula, e que embora numa outra linha de pesquisa, faz lembrar o conceito de "par educativo" expresso por Marchand em *Afetividade do Educador*. E que dessa forma põe em relevo a criança - ativa e independente - cujas atitudes não são meros resultados da imposição dos adultos, mas sim, as resultantes de um processo dialético.

Caberia, portanto, à escola, abrir espaço para que esse processo pudesse se realizar de maneira menos dolorosa e violenta, permitindo à criança um crescimento mais autêntico e uma busca mais livre no caminho da autonomia.

Dulce C. A. Whitaker

PESQUISA-AÇÃO NA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA

René Barbier

Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

A partir das teses suscitadas na França pela corrente de idéias chamada de contra-sociologia, sociolo-

gia institucional ou arte sociológica, Barbier demonstra neste trabalho os pressupostos teórico-práticos do que entende por instituição e por pesquisa-ação institucional. Tais teses fundam-se na aceitação da "hiper-complexidade e sobredeterminação do social", bem como da "articulação dialética entre infra-estrutura e superestrutura", refutando-se a teoria do "reflexo". A pesquisa-ação é eleita por esses enfoques como instrumento de elaboração através de análises multidimensionais e multireferenciais apreendendo-se o macro-social sem no entanto, desprezar-se os "microacontecimentos capazes de questionar o sistema instituído".

Tomando como ponto de partida as concepções de Kurt Lewin a respeito de pesquisa-ação Barbier, no entanto, a elas se contrapõe na medida em que, para ele, o conhecimento derivado dessa investigação não deve servir apenas ao propósito de produzir melhorias superficiais nos grupos sociais ou instituições envolvidas, mas deve ter por objetivo a intervenção no sentido de produzir mudanças estruturais.

O autor privilegia, dentro do vasto campo da pesquisa-ação, a de caráter institucional, ou seja, aquela que se propõe a investigar as instituições nas quais estão inseridos os grupos sociais com que o investigador pretende trabalhar. Trata-se de desmontar, "através de um método analítico, a rede de significações das quais a instituição é portadora enquanto célula simbólica".

O uso do termo "célula simbólica" se justifica à medida que dialogando com os "reprodutivistas" Barbier, baseado em Castoriadis, irá definir instituição como uma "rede simbólica socialmente sancionada na qual se combinam (...) um componente funcional e um componente imaginário". Esses componentes se interrelacionam dialeticamente dando dimensão ao instituído e ao instituinte da instituição. Ao contrário do que os reprodutivistas preconizam, a instituição, tal como aqui definido, passará a ser caracterizada como dinâmica, viva e temporal por isso "célula" e não "aparelho", do mesmo modo que o uso do termo "simbólico" tenta não só abarcar o que é ideológico mas superá-lo pois supõe também o revolucionário.

Nessa mesma perspectiva o autor redimensiona o conceito de "habitus". Barbier entende-o não como uma "caixa preta" que interioriza a exterioridade instituída mas como possuidor também da "dimensão